

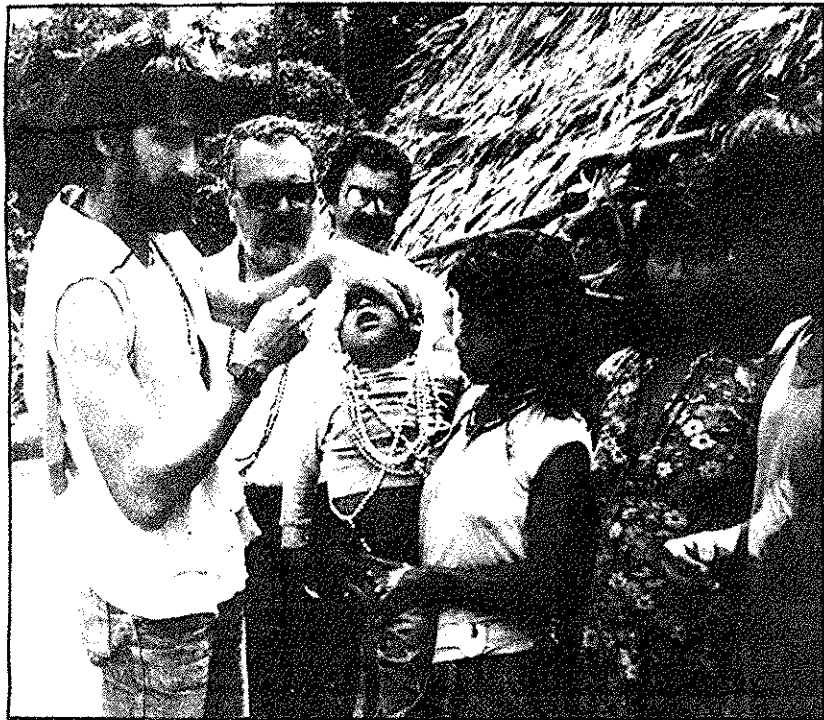
Em todo o território nacional, os índios continuam ameaçados por invasores de terras, além de sofrerem uma série de privações. A Funai, se de um lado ajuda, de outro é um órgão autoritário, que dita regras e acaba segregando, ainda mais, as tão sofridas comunidades. Um exemplo claro dessa situação está numa pequena aldeia de Itanhaém, onde vivem, de forma precária, 31 guaranis.

Sônia Regina Fernandes da Costa

Um trabalho pioneiro desenvolvido pela Sudelpa — o Projeto Saúde dos Guaranis — levantou uma questão grave que hoje preocupa os 600 remanescentes da forte nação guarani que à época do descobrimento dominava todo o litoral paulista. O novo presidente da Funai (Fundação Nacional do Índio), Alvaro Villas Boas, somente reconhece como índio os 600 remanescentes da forte nação guaranis que à época do descobrimento dominava todo o litoral paulista. O novo presidente da Funai (Fundação Nacional do Índio), Alvaro Villas Boas, somente reconhece como índio os 60 guaranis que vivem confinados na Aldeia de Peruipe, classificando os restantes como mestiços. A consequência grave está na possibilidade destes perderem suas terras, já que Villas Boas, empossado há 2 meses, não se define sobre a demarcação das reservas.

Paralelamente à questão da saúde — os guaranis são desnutridos por essa condição, contraem doenças facilmente — esta à posse da terra que, embora garantida pelo artigo 198 da Constituição, não é respeitada por grandes proprietários de áreas. Problema antigo que começou a ter solução — a nível de Brasil, inclusive — com a demarcação das terras indígenas que, no caso dos guaranis, tem uma particularidade: o próprio presidente da Funai, desde que era delegado desse organismo federal em Bauru, limita os remanescentes aos 60 de Peruipe.

O trabalho de demarcação no litoral (feito também pela Sudelpa) foi iniciado no começo deste ano, já estando concluído o das aldeias de Itariri, Crucutu e Barragem, estas duas em Parelheiros, próximo à represa Billings. E em



Além da vacinação, a Sudelpa pretende suplementar a alimentação dos índios

andamento, a demarcação das reservas de Itanhaém (Aldeia do Rio Branco), São Sebastião (Aldeia de Silveiras) e Ubatuba (Aldeia Pró-Mirim).

REVOLTA

Nessa preocupação com a terra está o motivo da revolta e desespero dos guaranis de Londrina que, inclusive, tomaram funcionários da Funai como reféns, pedindo a destituição de Alvaro Villas Boas do cargo de presidente. Nas aldeias do litoral a inquietação é grande, já que a maioria dos índios, primeiro discorda da orientação que a Funai tomará com Villas Boas na presidência (a de confinamento dos índios, como em Peruipe) e depois teme pela perda das terras.

Na Aldeia do Rio Branco, em Itanhaém, onde vivem 31 guaranis, boa parte já esteve na de Peruipe e saiu. É que quem resolve permanecer naquela aldeia fica sujeito às orientações diretas de representantes da Funai (a única com um posto). Esta política de confinamento visa uniformizar o tratamento ao indígena brasileiro, esquecendo particularidades regionais: o índio do Xingu vive completamente afastado dos centros civilizados, já o guarani, não; a zona urbana está quase chegando às suas reservas.

Acarai, um jovem índio guarani de 16 anos, casado desde os 14 anos, simplifica bem a intranquilidade dos índios diante da política indigenista de Alvaro Villas Boas: "quando estava em Bauru e os guaranis de São Sebastião brigavam contra um invasor de terras (a família Peralta, de Cubatão), ele declarou que lá não existiam índios. O invasor declarou também que havia chegado primeiro nós". As terras invadidas pertencem à Aldeia de Silveiras.

Programa de saúde para enfrentar o desafio da desnutrição

A nível de saúde, a característica básica dos guaranis, distribuídos em nove aldeias, sob a responsabilidade da Sudelpa desde 1983, é a desnutrição que faz parte de um quadro político-social, o da extinção dos índios pela invasão dos brancos em suas terras. Os guaranis, em especial, tiveram suas fontes de proteínas animais (a caça e a pesca) extintas pelo branco depredador e em sua cultura alimentar não entra verduras nem legumes ("comida de bicho").

O programa de atendimento desenvolvido pela Sudelpa, inicialmente calçado em atendimento médico-odontológico, deverá agora se expandir a um trabalho de base como o de fornecer alimentação rica em proteína, através da extensão de suplementação alimentar do Estado ao adulto e criança índios (inclusive, conforme programa assinado nestes

dias pelo presidente Sarney, que a Sudelpa pretende estender aos índios, cada nutriz carente terá direito a 8 quilos de alimentos básicos e criança, a 4 quilos). Paralelamente, a plantação de pomares nas aldeias com frutas que substituíam a proteína animal pela vegetal.

PROJETO SAÚDE

O projeto da Sudelpa está sendo desenvolvido junto com o DRS-2, Departamento Regional da Saúde, sediado em Santos, e os centros de saúde estaduais das cidades onde estão as aldeias. Esta semana, uma equipe formada por médicos, enfermeiros, visitantes e agentes de saneamento deram prosseguimento a um trabalho iniciado em agosto, de vacinação dos índios da Aldeia do Rio Branco, em Itanhaém.

Formada por 31 guaranis, a Aldeia do Rio Branco tem todos os problemas de qualquer outra reserva (exceção para Peruipe): de difícil acesso, suas primeiras casas são atingidas após um estradão de terra de 24 quilômetros (onde existe um precário serviço de ônibus municipal) e 7 quilômetros em caminho formado por trilhos utilizados por um trenzinho de carregamento de banana. A aldeia fica na divisa dos fundos de Banáurea, uma imensa plantação de banana da família Aurea Conde.

Esse é o caminho feito pelas equipes médicas e para-médicas do projeto e pelos índios que se deslocam até o centro de Itanhaém para vender palmito e artesanato. As três primeiras casas, logo ao final da trilha que margeia o rio Branco, são da família do cacique Verá (nome em português:

Zezinho) e no terreiro em frente é que os índios foram se agrupando para a vacinação.

Distribuídos pelos mais de 340 alqueires que formam a aldeia, os índios foram vacinados contra tétano, coqueluche, difteria, sarampo, paralisia infantil e tuberculose. Foi a segunda dose, já estando prevista para dezembro a nova vacinação.

No dia da aplicação das vacinas, foi também dado Combantrim, dose única de antivermífugo, a 29 guaranis. Destes, oito tiveram mostras de catarro recolhidas por serem considerados suspeitos de estarem com tuberculose. Na Aldeia do Rio Branco, duas famílias estão com tuberculose, já em tratamento, explicando a equipe que a continuidade dos remédios é um dos problemas, já que, não acostumado, o índio só se medica enquanto eles estão ali.

Dentro ainda do projeto saúde, um caminhão da Sudelpa irá buscar os índios da Rio Branco segunda-feira, para leva-los ao Centro de Saúde de Itanhaém, onde serão matriculados para que as crianças possam receber leite do programa de suplementação alimentar do Estado. Na segunda também, será feita aplicação tópica de fluor nas crianças.

Quando a equipe voltar em dezembro, os índios já estarão mais acostumados com as injeções. A primeira dose, em setembro, exigiu explicações detalhadas, já que a maioria nunca tinha visto uma. Da parte da Sudelpa, o grupo é formado pela médica Nadja Passos, enfermeira Nilsen Villas Boas, indigenista Kosei Iha e dois advogados, Carla e Marco Antunha Barbosa, em trabalho de retaguarda.

Língua guarani mantém as características da nação

Os 30 guaranis que formam a Aldeia do Rio Branco, em Itanhaém, vivem em casas que distam uma da outra em até 6 quilômetros, ocupando assim cerca de 340 alqueires de uma terra que já foi totalmente deles, como conta Acarai, o jovem índio de 16 anos que em português chama-se Dacilio. Já viveu na Aldeia de Peruipe, onde ainda estão seus pais e saiu "porque lá não temos liberdade. A Funai manda demais. Nós não gostamos de obedecer".

Acarai retrata uma situação que no começo da colonização portuguesa já foi tentada: o trabalho do índio, o controle do índio pelo branco e não deu certo. Como explica o indigenista Kosei Iha, da equipe da Sudelpa, o número de índios nas aldeias varia bastante porque eles não param nas reservas.

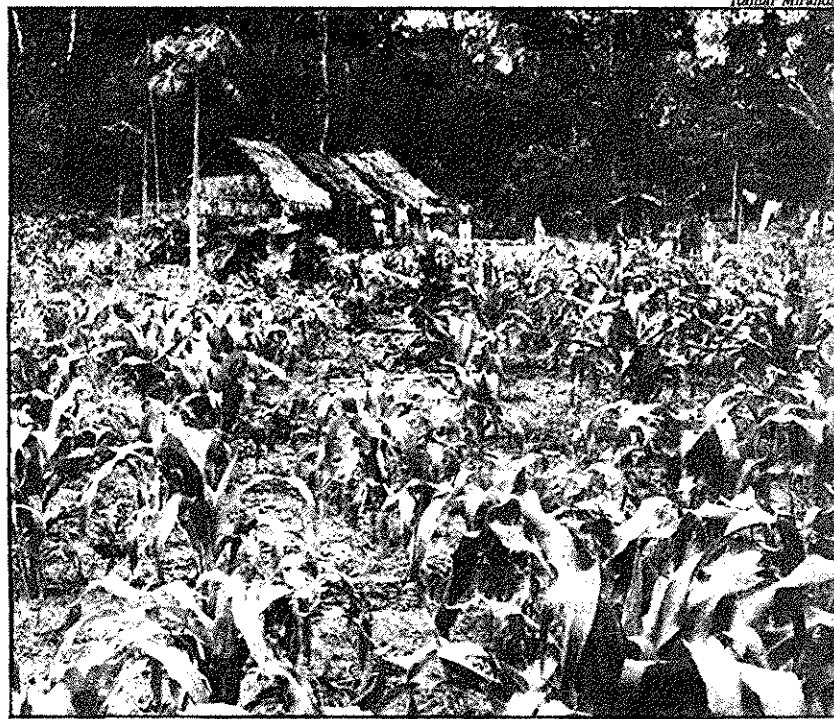
Na Rio Branco, vai sobreviver exatamente como todos os guaranis: plantando arroz, feijão, mandioca, milho, batata, para consumo e pescando lambari, cará, bagre, parati. A caça, ainda existente, resume-se a cateto, paca, tatu, macuco, raposa, macaco e paramente, veado. Nada disso é vendido: o índio não planta

nem mata animais para vender, somente para consumo próprio e da sua comunidade.

Embora a aculturação com o branco seja bastante sentida (nas roupas, nos enfeites), a tradição guarani ainda é muito forte. Por um motivo bem simples: a criança guarani até os 10, 11 anos somente fala sua própria língua, somente segue suas próprias tradições. Depois dessa idade é que, se quiser (outra característica índia — os pais nunca obrigam a nada e nem reprimem em nada) poderá frequentar uma escola de brancos.

Acarai fala português com bastante clareza. Frequentou escola na reserva de Peruipe por dois anos: "a maioria não fica muito tempo. Basta só um ano e aí a gente já sabe como o branco pensa e sai".

Uma espécie de proteção criada através da transmissão da cultura na própria língua mantém a nação guarani com suas características básicas. Segundo Kosei, a preocupação da Sudelpa é preservar toda essa cultura, essa civilização inclusive só introduzindo modificações alimentares, por exemplo, se todos concordarem.



Tudo que a roça produz é dividido entre a comunidade

Na retaguarda, o trabalho de Koyu

O trabalho junto aos índios tem também a retaguarda do deputado estadual Koyu Iha, do PMDB, que em duas indicações, uma ao governador Franco Montoro e outra ao presidente Sarney, surgiu a concessão de merenda escolar à comunidade de índios guaranis do litoral e da periferia da Capital, e a substituição do presidente Alvaro Villas Boas, da Funai, diante da revolta dos guaranis de Londrina.

No caso da merenda, o deputado lembra o levantamento médico da Sudelpa que mostrou o estado absoluto de desnutrição em que se encontra a maioria da população infantil dessas comunidades, situação que favorece a disseminação de doenças graves como tuberculose e anemia profunda. Para o presidente Sarney, Koyu Iha lembrou que a violência dos índios contra os funcionários da Funai, mostrou o estado de desespero em virtude da nomeação de Alvaro Villas Boas.

No pedido de substituição de Villas Boas, o deputado relembra vários episódios de confronto com os índios, quando este já era delegado da Funai em Bauru.